



MITOS DA CULTURA AFRICANA: ELEMENTOS DE INFORMAÇÃO E PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA NA COMUNIDADE QUILOMBOLA ALCANTARENSE DE ITAMATATIUA

Cleyciane Cássia Pereira, Mirian Albuquerque Aquino

Resumo: O objetivo deste estudo é analisar os mitos da cultura africana como elementos de informação e preservação na memória da Comunidade Quilombola Alcantarense de Itamatatiua. Constituída pelos objetivos específicos de identificar, verificar como se dá a preservação, compreensão desses mitos, e a possibilidade de contribuição para a continuidade de estudos e pesquisas que retratem a história e memória negra. A par da Teoria do Imaginário de Gilbert Durand, adota-se a mitoanálise que permite a análise dos mitos concomitante com a metodologia qualitativa de abordagem etnográfica com o propósito de descrever, densamente, os dados da pesquisa recolhidos por meio de entrevista semi-estruturada, observação direta e diário de campo. Explana o referencial teórico-metodológico da Teoria durandiana com suas funções, particularidades e contribuições para a trajetória histórica da humanidade. Destaca conceitos de informação, memória e preservação abordados na CI. Aponta os mitos da cultura africana, a ancestralidade dos negros do Maranhão e Alcântara a fim de descrever o contexto sócio-econômico-político-cultural dos Itamatatiuenses. Identifica as figuras mitológicas africanas predominantes na educação, lazer e saúde a partir das lentes da Bacia Semântica e Tópica Diagramática. Conclui-se que a informação mitológica e a sua preservação devem ocorrer em parceria com a Lei 10.639/03, e essas informações podem devolver a auto-estima e servir para perpetuar a tradição dos moradores de Itamatatiua.

Palavras-chave: Mitos africanos. Identidade cultural. Memória. Teoria durandiana. Comunidade Quilombola de Itamatatiua. Ciência da Informação.

1 INTRODUÇÃO

Em um determinado momento histórico, a compreensão do conhecimento científico baseou-se na especialização disciplinar. Quando a comunidade científica tomou consciência de que tal conhecimento incorporava uma dimensão complexa e heterogênea, recorreu aos procedimentos interdisciplinares, multidisciplinares e transdisciplinares¹. Dentre os campos de estudo da área científica, que abordam o conhecimento nessa nova dimensão e abrem caminhos para múltiplas leituras dos fenômenos, está a Ciência da Informação (CI). Ela surge no contexto da

¹ Conferir Pombo (1994; 2004)



interdisciplinaridade, possibilitando o desenvolvimento de pesquisas nessa direção, e permitindo o entrelaçamento com os Estudos Culturais, que consideram a cultura numa dimensão mais ampla, voltada para os significados das artes tradicionais/populares e das práticas cotidianas como objetos de análise, e tornando possível a investigação da memória de grupos étnicos e suas práticas identitárias específicas.

A indagação que surge é: qual a relação dos mitos com a Ciência da Informação? Ora, se tomarmos como norte que os mitos estão eivados de informações constituindo memórias que precisam ser preservadas e rememoradas na história da humanidade, podemos tomá-los como analogia para o estudo da Comunidade Quilombola Alcantareense de Itamatatua, localizada em terras maranhenses. Assim, análogo a essa narrativa mítica, ensejamos reunir um conhecimento relativo às histórias de uma comunidade africana, a fim de que possa ser preservado e sirva de elemento de rememoração não só de um passado sofrido e marginalizado, mas digno de orgulho pela resistência do povo negro que mantém suas características identitárias.

Entendemos que histórias de comunidades identitárias², como essa que estamos estudando, podem ser extintas, acarretando o apagamento de uma memória. Então, identificá-las e organizá-las constituem a oportunidade de preservação da memória de negros da Comunidade Quilombola Alcantareense de Itamatatua.

2 A CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO ABRIGA LUGARES DE MEMÓRIA E PRESERVAÇÃO

A Segunda Guerra Mundial é o marco de projeção do surgimento da CI no cenário mundial, como uma saída para solucionar o problema da explosão informacional caracterizada pelo aumento acelerado da produção documental em ciência e tecnologia. Entretanto, não é nossa pretensão caminhar por sua descrição histórica ou mesmo epistemologia neste trabalho, mas focarmos alguns conceitos pertinentes e desenvolvidos na maturação e expansão deste campo de estudo, tais como: informação, memória e preservação.

A preservação da memória no campo da Ciência da Informação para Le Coadic (1996) não está centrada apenas na biblioteca, no livro, no centro de documentação, no documento, no museu e no objeto, mas também na informação que perpassa diversos espaços, delineando uma sociedade que precisa estudar as propriedades da informação, seu processo de construção, comunicação e uso diante das mudanças econômicas, culturais e tecnológicas inerentes à sociedade vigente.

Para Barreto (2011, p. 1):

A essência do fenômeno da informação se efetiva entre o emissor e o receptor [...]. Assim, adequadamente assimilada, a informação, modifica o estoque mental de saber do indivíduo e traz benefícios para o seu desenvolvimento pessoal e da sociedade em que ele vive.

² São comunidades que mesmo diante das mudanças contemporâneas, ainda mantêm traços identitários que demarcam fronteiras e territórios com características próprias (FERREIRA; OLIVEIRA, 2009).



Dessa forma, entendemos que os mitos trazem informações que podem se somar, ou mesmo, serem apropriadas pelos moradores Itamatatiuenses produzindo mudanças em sua forma de conceber e realizar suas narrativas pessoais e sociais. Assim, estes moradores podem se reconhecer nos heróis e guerreiros presentes nessas narrativas míticas, e tentar diminuir a violência, a exclusão, o preconceito, que assolam as Comunidades remanescentes de quilombo, e buscar ainda conhecer sua ancestralidade, que pode ser afirmada em sala de aula. Ações que podem inclusive, devolver a autoestima a esta população quilombola marcada inúmeras vezes por direitos não respeitados, pois conforme D'Adesky (1997, p. 167):

A aspiração de ser reconhecido como ser humano corresponde ao valor que chamamos de auto-estima. Ela leva os negros a desejarem libertar-se do estado de inferioridade a que foram relegados e desembaraçar-se das imagens depreciativas de si mesmos. Particularmente, leva-os a lutar contra o racismo que representa, acima de tudo, uma negação de identidade configurada pela negação radical do valor das heranças histórica e cultural de onde advém a discriminação e a segregação.

Nessa direção, podemos considerar que a informação é a “aspiração” descrita pelo autor, pois é por meio da aquisição e apropriação da informação que o negro poderá se reconhecer dentro de sua própria cultura, retomar sua auto-estima e afirmar a sua identidade.

A questão da identidade compõe a pauta da teoria social, desenraizando as velhas identidades e fazendo surgir novas identidades e desconstruindo a idéia de sujeito uno. Na verdade, Hall (1997) afirma que existe uma crise de identidade reconhecida como parte de um processo mais amplo de mudança que desloca as estruturas e os processos centrais das sociedades modernas e abala os quadros de referências que serviam de ancoragem no mundo social (HALL, 1997). Os descendentes da ancestralidade africana - grupos afro-brasileiros - buscam “elementos do passado para afirmarem uma identidade que já não é a mesma, que foi negada, promover a tradução de uma tradição cultural dos seus antecedentes e lutar por espaços que possibilitem a multiplicação dessa identidade” (WANDERLEY, 2009, p. 121).

Dessa forma, propomo-nos a estudar o espaço da Comunidade Quilombola Alcantareense de Itamatatuia com o desígnio de contribuir e dar vozes aos quilombolas dessa localidade, enquanto sujeitos sociais. É “no âmbito da cultura e da história que definimos as identidades sociais” (GOMES, 2005, p. 42), incluindo as identidades de gênero, sexuais, de nacionalidade, de classe, dentre outras. Essa opção retoma os conceitos de “informação”, “preservação” e “memória”, os quais são descritos, analisados e interpretados a partir de diferentes teorias, abordagens, concepções e enfoques em campos distintos do conhecimento.

Nas áreas de Ciência da Informação, Biblioteconomia, Arquivologia e a Museologia, são reconhecidas como lugares de preservação da memória humana, em que se observa “um aspecto central de preocupação e ocupação dos profissionais que atuam nesses espaços”. (MONTEIRO; CARELLI; PICKLER, 2009). O estudo da memória tem sido objeto de investigação de Gondar e Dodebei (2005) quando estas autoras observam que o tema memória é de fundamental importância



para áreas de conhecimento que trabalham com os registros da informação. Assim sendo, a memória não é objeto exclusivo de uma área de estudo, mas vem sendo estudada por diversos domínios do conhecimento.

Outros estudiosos vêem a possibilidade de se discutir a memória como um dos objetos de estudo da CI e asseveram que “é a capacidade humana de reter fatos e experiências do passado e retransmiti-los às novas gerações através de diferentes registros [...]” (OLIVEIRA; RODRIGUES, 2009, p. 2) que favorece a preservação da informação e sua transmissão. Nesse sentido, as narrativas míticas de ancestralidade africana são portadoras de linguagens e, também, de informações, podendo ser recuperadas, processadas e armazenadas, evitando assim, o apagamento da memória coletiva, além de contribuir para preservar a história e a memória de matriz africana.

Desde o século XIX, as preocupações em torno da preservação se concentram na forma de manter os documentos intactos por longas décadas, com os metadados e as informações registradas. Entretanto, em sociedades tradicionais, onde a oralidade se faz presente, demarca tradição. Preservar pelo registro é necessário, mas trabalhar de uma forma que esses moradores compreendam o valor do pertencimento e da identidade de sua tradição seria outra solução, requerendo parceria da educação com a efetivação da Lei 10.639/03, e fazendo-os conhecedores da cultura de sua ancestralidade e de seu passado.

3 POLISSEMIA DO CONCEITO DE MEMÓRIA E SUA RELAÇÃO COM A INFORMAÇÃO

As preocupações com o propósito de decifrar a memória já era objeto de estudo antes mesmo de Bergson (1988) e Halbwachs (2006) voltarem suas pesquisas para esta área. É relatado na literatura filosófica que Nietzsche (1998) já realizava estudos sobre a memória. Em Nietzsche (1998), o esquecimento é algo necessário a existência humana para que possamos incorporar o novo. Entretanto, o pensamento nietzscheniano não seria viável para fundamentar a abordagem dos mitos, posto que na mitologia é mais interessante rever e compreender o que se repete, o que se faz rememorar na trajetória do homo sapiens.

A nosso ver, essa forma de lidar com a galeria conceitual conduzida por diferentes pensadores nos coloca em diálogo com Barrenechea (2005, p. 55) que, aborda a questão da memória, afirmando que, por muito tempo, ela permaneceu vinculada a explicações míticas, sendo considerada como um dom ou doação pelos deuses a “determinados homens excepcionais”. Lembrar significava transladar o homem para a morada divina, o tempo dos arquétipos, o passado imemorial. Advém dessa conexão a possibilidade de compreendermos os mitos da Comunidade Itamatiuense como elementos de informação, preservação e memória.

Por ora, dialogamos com alguns estudiosos que trazem uma compreensão da trajetória dos estudos memorialísticos. E, nessa caminhada, Catrosa (2001) observa que o estudo sobre memória como área começa com mais força por volta do século XIX e, nos últimos anos, tem estado presente nos debates acadêmicos, firmando a possibilidade de reforçarmos nossa identidade, sem esquecermos



a origem da nossa cultura, devido à transitoriedade de espaço-tempo. Trabalhar com a memória é vermos a possibilidade da não extinção de culturas e dos valores, que podem se perder na velocidade com que temos de processar um número expressivo de informação, em um curto intervalo de tempo.

Estudar a memória é lembrar que os africanos trouxeram para o Brasil também suas tradições - lendas, contos, uma literatura oral vastíssima - que apregoa com muita força a história da cultura brasileira. Todavia, por três séculos, foram severamente excluídos e reprimidos pela ação colonizadora. A história e a memória do povo negro permanecem como parte de nossas práticas culturais, mesmo com o escamoteamento e a marginalização engendrados pela cultura europeia como uma necessidade do capitalismo. Essa visão eurocêntrica de dominação não é uma especialidade apenas da inteligência dos europeus ou dos dominantes do capitalismo mundial, mas também daqueles que foram educados sob a égide dessas práticas dominadoras (QUIJANO, 2010).

Em razão da necessidade de engendrar uma das formas de reparação dos prejuízos que foram causados ao povo negro, bem como considerar a própria dimensão dos estudos da Nova Historiografia, somos instigados a repensar através do desenvolvimento desta pesquisa a cultura dos quilombolas cujos ancestrais foram ao longo da história jogados na externalidade pelo regime dominante da época. O estudo da memória dos povos quilombolas torna possível percebermos que elementos de esquecimento e apagamento são, quase sempre, produzidos pelo poder dominante na ação de ocultar a história de um povo e extinguir sua memória.

A Ciência da Informação pode ser uma das áreas que muito pode contribuir no processo de organização da memória oral tendo como propósito de organizá-la, preservá-la e disseminá-la em locais, que podem ser entendidos como “lugares de memória” (NORA, 1993), assim sendo, tomamos emprestada a expressão lugares de memória para justificarmos a Comunidade de Itamatatua como um lugar de memória.

Ao pensarmos sobre a preservação da memória dos quilombolas da Comunidade de Itamatatua, Le Goff (1990, p. 423) ajuda-nos a compreender a “[...] memória como a propriedade de conservar certas informações que nos remetem a um conjunto de funções psíquicas por meio das quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas ou representadas como passadas [...]”. Assim para trabalharmos com a memória é imprescindível buscarmos as lembranças internas, passadas com o propósito de reconstruí-la dentro dessa abordagem histórica, relacionando o indivíduo e sua consciência.

A necessidade de melhor compreendermos a memória põe-nos diante de mecanismos como depósitos, armazenamentos, retenção, seleção e descarte. A memória também possui seus lapsos de esquecimento. Este também atingiu os negros eliminando-os pelos poderes da “colonialidade”. Tais poderes “[...] tão responsáveis quanto os que assinam atos administrativos, somos nós, cidadãos comuns, interessados na herança cultural, historiadores, arquivistas e tantos outros que respiram memória, calam diante do desatino, não manifestam opinião, não reagem [...]” (GALINDO, 2005, p. 7). Pouco se reconhece a memória como algo que conserva as informações que vão sendo retidas num



processo de seleção “[...] individual (que é também social) são organizadas e recriadas no presente, dentro de um processo dinâmico [...]” (COSTA, 2009, p. 124).

Na visão de Halbwachs (2006), a memória é uma construção social, em que a memória individual de cada ser influencia a memória do grupo (família, igrejas, escola, trabalho, em todos os grupos que estamos inseridos), ocorrendo também o inverso. Porém, existe uma diferença entre essas memórias: a individual abrange as lembranças pessoais e diferencia um indivíduo dos outros, sendo feita a seleção das lembranças que interessam ao indivíduo, as quais se referem a sua individualidade e personalidade; ao passo que, a coletiva remete à construção de lembranças de um determinado grupo que se relacionam e atribui sentido à sua vida.

O sujeito está atrelado a diversas experiências. Então, a memória não será uma, mas uma constante relação com várias memórias a partir de suas interações sociais, assim a memória deve ser compreendida mutuamente dentro da cadeia tempo, espaço, individualidade e coletividade, esquecimento e lembrança. Esse ponto de vista é coerente porque a memória deve ser compreendida para além do campo psicologista da memória individual, em meio à interpretação da linguagem, do simbólico (PÊCHEUX, 1999).

Catrosa (2001) comenta que a memória pode possuir três níveis que se imbricam mutuamente: proto-memória (habitus e da socialização e fonte dos automatismos do agir, passivo); a memória propriamente dita (recordação e o reconhecimento); e a metame-mória (define as representações que o indivíduo faz do que viveu), bem verdade que cada indivíduo atua e dispõe de todos os campos mnésicos, conforme a retrospectiva que se posiciona.

Em contraste, Halbwachs (2006) apresenta uma ideia de memória como uma construção socialmente adquirida que não é uma fonte do indivíduo que a conserva, armazena e a sistematiza em suas próprias experiências ao longo do tempo, mas é a estrutura sociocultural que a constitui para elaboração e sustentação da memória de uma coletividade.

As recordações estão armazenadas na subjetividade. Entretanto, só podemos retomá-las em relação com o outro. A memória individual só ocorre na presença do coletivo, na presença de várias memórias (pessoais, familiares, grupais, regionais, nacionais, etc) no constante entrelaçar entre presente, passado e futuro. A memória é sempre seletiva. Cada presente pode recontar sua história em função não só do passado, mas também das necessidades e lutas do presente.

O nosso propósito não é discutirmos o esquecimento, mas tentarmos rememorar-lo através do estudo da memória oral dos povos afrobrasileiros para devolvê-la à cultura que comunga e apregoa valores afrobrasileiros, buscando a ponta do iceberg perdida em meio aos valores homogeneizados pela cultura eurocêntrica.

4 UMA INCURSÃO PELA TRAJETÓRIA DOS MITOS

É importante considerar as contribuições do estudioso norte-americano Joseph Campbell no que se refere ao legado de estudos dedicados a mitologia. Contudo, este autor cometeu um deslize



ao comentar vagamente a mitologia africana demonstrando ser particularmente enigmático com a relação à África (FORD, 1999, p. 10). Em uma de suas obras, Campbell (1990, p. 173) faz uma reflexão sobre a relação dos termos mitológicos com a vida ao afirmar que o “[...] importante é viver a vida em termos de experiência e, portanto, de conhecimento, do mistério intrínseco da vida e do seu próprio mistério [...]”.

Nos tempos primitivos, os mitos eram concebidos e aceitos como critério de verdade, designando “[...] uma história verdadeira e ademais, extremante preciosa por seu caráter sagrado, exemplar e significativo [...]” (ELIADE, 1972, p. 7). Entretanto, esse contexto de concepção e crença dos mitos se modifica, e algumas sociedades começam a apresentá-lo como simples anedotas, delírio, fantasia, mentira. Esse ranço advém, sobretudo, da ciência moderna que considera a imaginação como causadora de erros e, logo, os mitos teriam ligação com essa visão depreciativa. De acordo com Lévi-Strauss (1978, p. 10): “[...] um fosso, a separação real, entre a ciência e aquilo que poderíamos denominar pensamento mitológico, para encontrar um nome, embora não seja exatamente isso, ocorreu nos séculos XVII e XVIII [...]” com Descartes, Newton e outros cientistas.

O resgate do imaginário não tem sido um dos mais fáceis, pois muitos ainda não relacionam seu estudo como relevante para a vida social. A civilização moderna em decorrência do racionalismo por algum tempo até acreditou ter eliminado o mito, inferiorizando as imagens e os símbolos. Contudo, enganou-se, pois eles têm se mostrado cada vez mais proeminentes para a explicação humana, dando sentido às ações diárias através do poder mágico que se encontra presente no imaginário. Acredita-se que este dá força às práticas concretas da vida cotidiana concebendo-a nas imagens reproduzidas no processo tecnológico da iconografia, em jornais escritos, televisão, cinema, exemplos que demonstram sua atuação continuada e atuante na sociedade, embora estas, predominantemente, não possuam finalidades educativas.

Mas afinal o que são mitos? Qual sua relação com a informação? O mito pode ser concebido sob diversas óticas. Pensar sua relação com informação significa entendê-los como uma “[...] narrativa mítica na qual se ocultam informações que descrevem e explicam fenômenos físicos e humanos, observados, descritos e registrados com a diversidade cultural própria da espécie humana [...]” (FREIRE, 2001, p. 18). Esse ponto de vista da autora permite alcançar a importância de se estudar os mitos na Ciência da Informação, posto que tal fenômeno parece indicar possibilidades de compreensão de que, para além da apropriação dos mitos como elementos de informação nos contextos históricos, sociais e culturais, eles propiciam as condições para a produção sentidos, geradora de novos conhecimentos.

Concordando com Freire (2001), os mitos são capazes de criar novas formas de expressão do conhecimento e criar possibilidades de transformação nos grupos e nas estruturas sociais nessa sociedade contemporânea. Acrescentamos que, além de elemento de informação, eles podem ser abordados na CI como memória, visto constituírem e rememorarem tradições, valores do homo sapiens, dignos de preservação e divulgação.



Conceitualmente, entendemos mito como uma narrativa, um discurso, uma fala. É uma forma das sociedades representarem suas contradições, seus paradoxos, dúvidas e inquietações. Além do que, “[...] pode ser visto como uma possibilidade de se refletir sobre a existência, o cosmos, as situações de ‘estar no mundo’ ou as relações sociais [...]” (ROCHA, 1985, p. 1).

Nos estudos durandianos, o termo “mito”, deve ser entendido não apenas como mito propriamente dito, mas como a narrativa que legitima esta ou aquela fé religiosa ou mágica, a lenda e as intimações explicativas; o conto popular ou a narrativa romanesca (DURAND, 1997). Essa conceituação permite considerarmos os fragmentos de narrativas aprendidos por meio de entrevistas semi-estruturadas nas narrativas dos entrevistados para análise na pesquisa que realizamos.

5 ITINERÁRIO METODOLÓGICO

A Teoria do Imaginário, de Gilbert Durand, explica que a razão perde seu espaço de senhora absoluta da verdade e dos problemas que assolam a sociedade, quando o estudo do símbolo e do imaginário insere-se no universo acadêmico e social e começa a dar importância ao mundo subjetivo, interpretativo, imaginário, com o propósito de reconhecer as imagens que estruturam suas obras e a si mesmo, como soluções para o desvendamento de aspectos nunca abordados no estudo humano.

Para encontrar as imagens significativas da representação humana, Durand (1997) recorre à “Antropologia profunda”, ou seja, utiliza-se de várias ciências, com seus diferentes métodos e disciplinas com o objetivo de explicar um aspecto de uma ciência por meio de outras ciências, adotando nesse estudo a trajetória antropológica. Consiste da interação biopsíquicosocial, ou seja, num percurso de formação das imagens: corpo, mente e cultura. Considerando os símbolos, esquemas e arquétipos elementos constitutivos dessa trajetória, por serem homólogos e isomorfos, dotados de características básicas e similares que são classificados em constelações de imagens e, por conseguinte, resultam em grandes constelações, as estruturas do imaginário.

Partindo das estruturas do imaginário - heróicas, sintéticas e místicas - Durand (1997) classifica-as em regimes de imagens ou simbólicos flexíveis: a primeira formará o Regime Diurno (dominante reflexa postural relacionada aos arquétipos de luz, de luta, de altivez) e as duas últimas constituirão o Regime Noturno (dominante reflexa digestiva e copulativa ligada aos arquétipos das trevas, descanso e queda). Assim, elabora uma tabela para o estudo do homem, mostrando a possibilidade de convergência de várias ciências.

Em um panorama da crise paradigmática, do início desse século, a teoria de Durand apresenta-se emblemática neste estudo. Cabendo mencionar que essa explanação sobre o referencial metodológico se faz pertinente, pois é ele que adotamos no trabalho de pesquisa do mestrado.

Conjuntamente com essa teoria, lançaremos mão da abordagem qualitativa pelo caráter interpretativo que atende aos dados coletados conjuntamente com a pesquisa de características etnográficas, a qual para Geertz (1978, p. 15), inspirado nas idéias de Gilbert Ryle, a define como um “esforço intelectual para uma descrição densa”. Entretanto, adotamos essa modalidade de pesquisa



não nessa acepção de leitura em profundidade do espaço proposta por Geertz, mas faremos uso de alguns de seus pressupostos e instrumentos metodológicos como é feita na área de educação.

Os instrumentos de pesquisa utilizados para a coleta de dados foram entrevistas semi-estruturadas, observação direta e ficha de informante. A partir destes instrumentos, coletamos 24 entrevistas no período de 17 a 29 de janeiro e 02 a 13 de fevereiro de 2010, para as quais priorizamos alguns critérios: a) a senhora mais idosa, que é remanescente do período escravista com 105 anos; b) as mulheres líderes, visto que, o campo de pesquisa prevalece uma cultura de tradição matriarcal, em que elas comandam e representam a localidade; c) os responsáveis (pais ou mães) pela família que aceitassem ser entrevistados; d) e conversas informais com jovens sem considerá-los como focos prioritários da coleta, mas colaboradores, a fim de visualizarmos como se desencadeava a perpetuação da memória oral e propagação das tradições locais.

Nessa coleta de dados, partimos da compreensão de que o tempo é um elemento de significativa importância na compreensão dos mitos e não deve ser compreendido pela linearidade, mas a partir de uma circularidade e repetição dos acontecimentos, em que tudo que acontece é a repetição de coisas que já ocorreram. Assim, a própria leitura de um mito não pode ocorrer, de forma linear, da direita para esquerda, de baixo para cima, como se lê um texto de jornal, é necessário entendê-lo em sua “[...] totalidade e descobrir que o significado básico do mito não está ligado à seqüência de acontecimentos, mas antes, se assim se pode dizer, a grupos de acontecimentos [...]” (LEVI-STRAUSS, 1978, p. 42).

Nas entrevistas, os quilombolas foram quase unânimes ao afirmar que o maior saudosismo que os assolavam procediam, sobretudo, da ausência de seus pais e irmãos confirmando assim a defesa de Lévi-Straus de que a recordação se faz a partir do contato com o outro, e não de uma autarquia, como mostram as narrativas dos entrevistados.

Na discussão que Thompson (2002, p. 208) faz sobre memória é justo concordar que “[...] recordar a própria vida é fundamental para nosso sentimento de identidade continuar lidando com essa lembrança que pode fortalecer, ou recapturar, a autoconfiança [...]”. Assim sendo, o entrevistador deve estar atento ao tomar a sua pesquisa como história de vida ou quando busca abordar histórias de outras pessoas, por exemplo, idosos possuem sentimentos que ao rememorarem podem desabrochar dores profundas, ou então, ajudá-los a encontrar alegria na sua existência.

Enfim, há necessidade do entrevistador utilizar-se da sua sensibilidade para ouvir esses entrevistados, logo observando a dimensão terapêutica do trabalho de história de vida. Esta afirmação foi constatada na escuta da coleta de dados na Comunidade de Itamatatua, no momento em que uma das entrevistadas relembrava seu passado não se continha em lágrimas.

6 COMUNIDADE QUILOMBOLA ALCANTARENSE DE ITAMATATUA: contextualização, descrição e análise

A Comunidade de Itamatatua ou Tamatatiua, conforme o Inventário Nacional de Bens Móveis e Integrados, teria surgido nos documentos do século XVIII com essas designações, originou-se de



uma antiga fazenda da Ordem Carmelita dedicada a Santa Thereza na localidade de Tamatatiua. Em 1797, o Reverendo Prior João Alves Serrão, descreve em um documento os bens referente à Ordem do Carmo em Alcântara, em que menciona “[...] a fazenda dedicada a Santa Thereza, com 135 escravos entre homens e mulheres, capazes de serviço 63, doentes e velhos 23, e menores 49 [...]” (BRASIL, 1999, p. 2).

De acordo com esses documentos, Tamatatiua teria mais de 300 anos. Para Dona Neide de Jesus, líder e representante da Comunidade, o aniversário de Itamatatiua é dia 03 de junho e o seu ano de surgimento foi em 1699, ou seja, completou 311 anos, entretanto, os quilombolas nos últimos anos não têm festejado essa data. Ela é uma Comunidade negra que ainda mantém traços identitários mediante as mudanças contemporâneas, sendo por isso tomada como objeto de estudo em diversas pesquisas.

Essa Comunidade é composta por 132 famílias³ cuja fonte de renda básica é a agricultura de subsistência e a cerâmica. Ela é permeada por caracteres que a tornam singular, por exemplo, a denominação de quilombola numa abordagem tradicional é concebida como o local escondido, geralmente no mato onde abrigavam os negros fugitivos dos cativeiros.

Em Itamatatiua, a formação do grupo se dá em decorrência da saída da Ordem Carmelita da propriedade por não ter compradores para a terra, a fazenda é abandonada para os negros que ali residiam, deixando uma característica que até os dias vindouros prossegue como Terra de Santa D’Ávila de Jesus. Nessa data, a posse da Terra é repassada por uma pedra com uma prescrição que selava a passagem da Terra da Santa para os negros Itamatatiuenses, sendo reconhecido o valor simbólico desta pedra, até mesmo, em audiência pela posse da terra⁴. Cabe mencionar a devoção que esses quilombolas têm com a Santa, adotando em seus sobrenomes, com raras exceções, o nome de Jesus, e por este motivo são conhecidos como os Pretos de Santa Tereza.

Os Quilombolas Itamatatiuenses nas últimas décadas têm conseguido algumas melhorias através de suas lutas, sobretudo advindas da Associação de Mulheres Ceramistas⁵, como a instalação de um poço artesiano que abastece algumas residências, energia elétrica, um caminhão para auxiliar na fabricação e transporte da cerâmica. Por outro lado, assim como as demais comunidades rurais são desprovidas de saneamento básico; água tratada; posto de saúde, Tamatatiua não se isenta destas características, seus moradores quando adoecem se deslocam para municípios vizinhos, utilizando antes de suas práticas caseiras como as ervas medicinais; a escola da localidade funciona até o ensino fundamental, e os estudantes do ensino médio necessitam ir para outros locais. As habitações

3 Quantidade fornecida em 2010 pela Agente de Saúde da Comunidade

4 Relatado por um dos entrevistados um episódio em que foram convocados para uma audiência sobre a posse da Terra com fazendeiros que queriam tomá-las dos quilombolas, ao mostrarem a Pedra ao juiz no fórum, este diz que a sessão estava encerrada, pois só a Pedra dizia tudo. Ainda não possuem a titulação das terras, mas tem o reconhecimento destas propriedades em 2006 pela Fundação Palmares.

5 Associação de Mulheres foi organizada acerca de 10 anos conforme a representante da Comunidade, D. Neide. Elas se organizam na fabricação e vendas da cerâmica, possuem uma representante que é escolhida através de eleição direta a cada dois anos. Dessa organização, elas têm conquistado alguns benefícios e conquista para localidade como citados acima.



familiares dos Itamatiuenses, em sua maioria, prevalecem construção de parede feita com uma trama de ripas ou varas cobertas de barro, os conhecidos paus-a-pique, e com teto de pindobas.

Nesta comunicação, necessariamente não abordamos os conceitos oferecidos pela mitoanálise, mas traremos à superfície algumas narrativas que se mostram nas falas dos entrevistados, logo sendo frutos do imaginário dos habitantes Itamatatiuenses.

A forma de comunicação na Comunidade Quilombolas de Itamatatiua, mesmo em meio à chegada do eletrônico (como o rádio e a televisão) ainda é a oral. Esta é permeada de lendas, narrativas em que aparecem curupiras, mãe d'águas, figuras do imaginário popular. Concordamos com Santos, Reis e Oosterbeek (2010) que observam: “[...] ao adentrar na comunidade que Itamatatiua ainda traz a presença da oralidade e das tradições vinculadas a ela, seja nas suas práticas sociais, como em seu aspecto físico-geográfico [...]”

Dentre essas narrativas nos deteremos na Santa Teresa D'Ávila de Jesus. Historicamente esta Santa nasceu em Ávila, Espanha, no século XVI (1515), e ingressou no Carmelo de Ávila aos 20 anos, convertendo-se pouco tempo depois, tornando-se um espírito modelo de devoção a Igreja, falecendo aos 67 anos na cidade de Alba de Tormes, canonizada em 1662. O Papa Paulo VI reconheceu-lhe o título de Doutora da Igreja, nos idos de 27 de setembro de 1970. (SANTA ..., 2010).

A Ordem do Carmo chega ao Brasil no século XVI, instalando-se em Olinda, Pernambuco, em 1580 no século XV, onde também construíram em 1586 o primeiro Convento do Carmo. Desponta na Província do Grão Pará e no Maranhão no século XVIII já com a ramificação dos Carmelitas Reformados ou Descalços, por sua vez, esta foi uma Reforma que a Santa Teresa esteve à frente para sua efetivação. (MOLINA, 2006)

Santa Tereza D'Ávila de Jesus é considerada pelos moradores como protetora e donas das terras para quem se atribui força e conquistas em diversas circunstâncias. Mesmo sendo uma das Comunidades mais carentes⁶ da região, os moradores não passam fome nem deixam de obter curas para suas doenças. Nos fragmentos a seguir, vejamos a narrativa referente às preces, devoção e crença na figura da Santa Tereza apresentadas por Ogunhê⁷, Eparrê e Olariê:

Ogunhê: Meu irmão saiu pra trabalhar. Ano passado minha mãe saiu em janeiro para São Luís para operar dos olhos e passou seis meses, aí quando foi em julho a mãe dela disse: Minha Santa Tereza se vós fizer que meu filho volte (ela começou a chorar, pausa), eu mando rezar uma ladainha com bolo. Minha irmã! Não deu prazo de um mês. Quando foi um dia meu sobrinho chegou e disse: Tia tem um moço aí na porta, aí eu disse: moço, que moço, não é ninguém lá de casa não, não tia. Aí eu fiquei curiosa. Aí ele disse: é de casa. Aí eu vim, mamãe é Antoninho!!! Mamãe disse: é Antoninho?! Quando foi no outro final de semana ela mandou rezar um ladainha com café, bolo, foi linda ela, muita gente, muita gente!!

Eparrê: Ela pra mim é muito milagrosa, quando eu assim tô aperriado, eu vou lá, faço minha

6 Ela não é uma das Comunidades mais carentes da região, mas essa afirmação nos foi dada por alguns moradores Itamatiuenses quando falavam da ação, da providência da Santa Tereza D'Ávila de Jesus na vida da Comunidade.

7 Ogunhê relatando um milagre recebido da Santa sobre a chegada de um filho que saiu pra trabalhar e nunca mais voltou, e a mãe fez uma promessa.



conversinha com ela, é pode botar fê, ela é milagrosa mesmo, pode botar fê mesmo.

Olariê: Há! Essa Santa é, é uma Santa que agente tem o respeito por Ela, aqui na Comunidade, e mesmo os devotos de Pinheiro, Bequimão, de Alcântara, também tem muito respeito por ela. É!

Nessas narrativas é possível localizar o sagrado, desencadeado na imagem da Santa Tereza D'Ávila de Jesus e na vida dos Itamatatiuenses. No interior das estruturas do imaginário, o feminino pelos símbolos que relaciona tem sido associado à vida; pelo mistério da maternidade que lhe é próprio.

Outra narrativa que se perpetua na Comunidade Quilombola de Itamatatiua refere-se à Fonte do Chora, local de onde os moradores retiram água para beber. É descrita como um local encantado, onde os moradores devem respeitar certos horários para não verem personagens, tais como: sapos de ouro; peixes que sujaram a água; mulheres que impedem a retirada d'água; curupira, dentre outros, as pessoas visitantes devem pedir licença como forma de respeito aos encantados da Fonte, e esta de acordo com moradores teria surgido antes do início da Comunidade. Vejamos a origem dessa Fonte d'água narrada por Odojá:

Pesquisadora: O que a Senhora sabe sobre a origem da Comunidade, de onde vem Itamatatiua?

Odojá: Eu não sei nem contar muito. Mas segundo o que alguém mais antigo me contam, porque eu também sou curiosa, poderia saber. Itamatatiua...assim era um povoado menor, só tinha as casas, o que quê aconteceu? As pessoas me disseram que Santa Teresa, uns dizem que ela apareceu aqui, andava, botava o rastinho na areia, eles botavam ela pra Igreja e no outro dia ela já amanhecia lá no Chora, eu não tenho nem assim como afirmar, né? As pessoas falavam que Santa Teresa foi encontrada no (Fonte do) Chora. Mas segundo me disseram ela veio de Roma, no tempo das Carmelitas. Aqui era uma fazenda antiga. Essa fazenda era ainda de um pessoal que...que acho que trouxeram alguém, os escravos. O certo era que as Carmelitas que eram donas dessas terras, 55 mil hectares.(informação verbal).

Dialogando com Eliade (2008, p. 154), este autor vai afirmar que “[...] desde a “pré-história o conjunto Água-Mulher tem sido percebido como o circuito antropocósmico da fecundidade [...]”. Essas águas são purificadoras que os Itamatatiuenses precisam beber para renovar-se. Os peixes, os sapos, etc que aparecem e, simultaneamente, impedem as pessoas de visitarem a Fonte do Chora ou mesmo utilizarem suas águas em determinados horários, podem ser comparados “[...] aos monstros que sempre as vias da salvação, isto é, montam guarda à volta da árvore da vida ou de outro dos seus símbolos [...]” (ELIADE, 2008, p. 235).

No caso da Fonte do Chora, eles cuidam e montam guarda para preservação das águas, a qual pode ser considerada como fonte de vida. À luz da teoria durandiana, a água “é utilizada mais especialmente como elemento de adorno pelos heróicos e, em particular, nos sujeitos femininos” (DURAND, 1988, p. 186). Os moradores guardam no seu imaginário a idéia de que a água vivifica, cessa a sede de seus filhos, fecunda suas terras e, assim, refazendo a história desses moradores.



Dessa forma, estas são algumas das narrativas que nos levaram a trilhar as linhas de chegada nessa Comunidade em busca do possível resgate da memória coletiva e até mesmo individual desse “lugar de memória” que poderá se perder ao longo dos séculos. Os anciãos são as fontes vivas, donos de discursos orais, e como qualquer ser humano tendem a refazer sua história em planos desconhecidos. E, assim, ao conseguirmos registrar os dados, essas histórias podem ser fontes de informação e preservação da história dos povos de matriz africana, e sobretudo de perpetuação de uma memória singular, dos Itamatatiuenses.

Ora, se a memória individual está atrelada a memória coletiva, equivale a dizer que existe um “[...] movimento dialógico entre símbolos que fazem parte da cultura de muitos sujeitos, levando-os a expressar como se percebem, como participam da cultura, e como se constroem em sua identidade” (BARRETO, 2010, p. 162). As narrativas dos moradores da Comunidade Quilombola de Itamatatiua possuem elementos que recordam e rememoram a época de criação da CQAI. As informações coletadas estão associadas a narrativas mitológicas. Desta forma, conhecer suas relações em contexto maranhense e reconhecer seus arquétipos transforma-as em elementos de memória e preservação do patrimônio cultural.

Nessa direção, Azevedo Netto (2008, p. 9) traz uma importante contribuição no que se refere à preservação do patrimônio cultural, ao afirmar que a “ancestralidade genética ou cultural” está perdida, ou diluída no tempo, mas observa outra ancestralidade que é a “espacial”. Para esta ancestralidade há duas formas, das quais o público pode se utilizar para fazer a preservação: respeito à inclusão das bases culturais e aproveitamento econômico sustentável desse patrimônio. O autor sugere para a primeira forma, a incorporação das informações em bases culturais por meio de ações pedagógicas. Já, para a segunda, indica ações que forneçam condições das comunidades circunvizinhas visitarem e divulgarem as informações sobre o patrimônio arqueológico.

Por sua vez, Reis (2010) evidencia que a Comunidade pode ser concebida como patrimônio material e imaterial. Logo as informações mitológicas sobre a Comunidade Quilombola de Itamatatiua podem oferecer condições de aprofundamento dos conhecimentos sobre suas relações espaciais e considerar a memória dos seus moradores o conjunto de suas manifestações culturais, como patrimônio imaterial. Estas podem ser conservadas a partir de ações pedagógicas, da propagação e organização do espaço para visitação como forma da CQAI angariar recursos financeiros para melhoria dessa Comunidade através de parcerias e a preservação e disseminação de sua memória.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Ciência da Informação não mais se exime da discussão concernente à temática etnicorracial. Isso porque o acolhimento dessa temática é necessário ao processo de inclusão abordado nas políticas sociais de informação, dentre outras. Enfim, essa discussão é inerente aos diversos campos e áreas de conhecimento, suscitando a produção, apropriação, organização, disseminação e democratização da informação para acesso e uso. Estas atividades são intrínsecas a atuação do profissional da informação.



Além disso, o caráter epistemológico social e interdisciplinar dessa área pressupõe que uma ciência só se constitui como tal, quando estabelece um campo dialógico com outros saberes, com diferentes recortes e um olhar perspectivado para a diversidade cultural.

Neste contexto, o profissional da informação deve estar atento a inclusão de temáticas e conteúdos que rompam com uma cultura elitista, de valores eurocêntricos, direcionada para sua função de educador. Deve também aproximar a informação-saber, ensinar o educando a condição humana para que “[...] reflita sobre nossa [sua] posição no mundo, enxergando os problemas da sociedade do seu tempo e agir, desenvolvendo as várias dimensões da informação e do conhecimento” (AQUINO, 2011, p. 67).

Dessa forma, o tripé, Ciência da Informação com seu arcabouço teórico referente à informação, preservação e memória nos conduziu a um estudo de mãos dadas com a Teoria do Imaginário no propósito de lançarmos os dardos em direção a Comunidade Quilombola de Itamatatiua. Estudo que nos proporcionou compreender os mitos da cultura africana como elementos de informação, preservação e memória na Comunidade Quilombola de Itamatatiua a partir da oralidade, da fala, e perceber como estas demarcam um modelo informacional com estruturas materiais e simbólicas de um universo cultural de ser e estar dessa Comunidade.

Analisar as narrativas míticas em linhas diacrônicas e sincrônicas é contribuir com o desvendamento de riquezas e tradições adormecidas em um passado de opressão e repressão, que pode ser reconstruído e devolvido à populações que desconhecem sua própria ancestralidade, e que em volta aos estudos memorialísticos nos fascinam e encantam pela possibilidade de rememorar-las para não serem extintas, apagadas da história de uma comunidade identitária como a da Comunidade Itamatatiuense.

Myths of the African culture as information and preservation elements in the memory of the Quilombola Community Alcantareense de Itamatatiua

Abstract: The present study aims to analyze myths of the African culture as information and preservation elements in the memory of the Quilombola Community Alcantareense de Itamatatiua. The specific objectives consist on the identification and verification of how preservation occurs, comprehension of these myths and the possibility of contributing to the continuity of studies and researches which emphasize the Black history and culture. Based on the Imaginary Theory by Gilbert Durand, the myth analysis is adopted, what permits the analysis of myths concomitant to the qualitative methodology of ethnographic approach. The intention is to describe, in a dense way, the research data collected by means of semi-structured interview, direct observation and identification tag. Also, it explains the theoretic-methodological referential of the Theory of Durand, with its functions, particularities and contributions to the historic trajectory of mankind. Moreover, it highlights concepts of information, memory and preservation based on Information Science. Myths of the African culture, the ancestry of



black people of Maranhão and Alcântara were appointed to describe the socioeconomic, political and cultural context of the Itamatatua people. In addition, it identifies the African mythological characters predominant in education, leisure and health from the lens of Semantic Basin and Diagrammatic Topic. Therefore, the study concludes that the mythological information and their preservation must occur in association with Law 10,639/03. Furthermore, this information can restore self-esteem and serve to perpetuate the traditions of the Itamatatua residents.

Keywords: African myths. Cultural identity. Memory. Theory of Durand. The Quilombola Community of Itamatatua. Information Science.

REFERÊNCIAS

- AQUINO, M. de A. As contribuições da educação aos processos formativos na Ciência da Informação, *Transinformação*, Campinas, v. 20, n.1, p. 59-71, jan./abr. 2008. Disponível em <<http://revistas.puc-campinas.edu.br/transinfo/viewarticle.php?id=226>>. Acesso em: 25. fev. 2011.
- AZEVEDO NETTO, C. X. de. Preservação do patrimônio arqueológico: reflexões através do registro e transferência da informação, *Revista Ciência da Informação*, Brasília, v. 37, n. 3, p. 7-17, set./dez. 2008.
- BARRENECHEA, M. A. de. Nietzsche e a genealogia da memória social. In: GONDAR, J; DODEBEI, V. (Orgs.). *O que é memória social?* Rio de Janeiro: Contra Capa, 2005
- BARRETO, A. M. Memória e sociedade contemporânea: apontando tendências. *Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina*, Florianópolis, v. 12, n. 2, p. 161-176, jul./dez. 2007. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/ptcib/index.php/ptcib/article/view/843>>. Acesso em: 20 dez. 2010.
- BARRETO, A. de A. Mitos e lendas da informação: o texto, o hipertexto e o conhecimento. Disponível em: <http://www.dgz.org.br/fev07/Art_02.htm>. Acesso em 15. fev. 2011.
- BERGSON, H. *Matéria e memória*. São Paulo: Martins Fontes 1988.
- BRASIL. Ministério da Cultura. Instituto do Patrimônio, Histórico e Artístico Nacional. *Inventário Nacional de bens móveis e integrados Maranhão e Piauí: Capela de Sta. Tereza D'Ávila, Itamatatua, Alcântara*. São Luís: MinC/ IPHAN, 1999. v. 12.
- CAMPBELL, J. *O poder do mito*. São Paulo: Palas Athena, 1990.
- CATROSA, F. *Memória, história e historiografia*. Lisboa: Quarteto, 2001. 65p.
- COSTA, I. T. M. Informação, memória e espaço prisional no Rio de Janeiro. *DataGramaZero Revista de Ciência da Informação*, v. 4, n. 1, fev. 2003. Disponível em: <<http://www.dgz.org.br>>. Acesso: 10. set. 2009.
- D'ADESKY, J. Pluralismo étnico e multiculturalismo. *Revista Afro-Ásia*, n. 19/20.



p. 165-182, 1997. Disponível em:

<http://www.afroasia.ufba.br/pdf/afroasia_n19_20_p165.pdf>. Acesso em 01. fev. 2011.

DURAND, G. As estruturas antropológicas do imaginário: introdução à arquetipologia geral. Tradução Hélder Godinho. São Paulo: Martins Fontes, 1997. Tradução de: Les structures anthropologiques de l'imaginaire.

_____. O imaginário: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem. Tradução René Eve Levié. Rio de Janeiro: DIFEL, 1998. Tradução de: L'imaginaire.

ELIADE, M.. Mito e realidade. São Paulo: Perspectiva, 1972.

_____. Tratado de história das religiões. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FERREIRA, R.; OLIVEIRA, D. C. de. Eu e Tu em Itamatatua: etendendo a saúde através da cultural. In: CONFERÊNCIA BRASILEIRA DE COMUNICAÇÃO E SAÚDE, 13. Disponível em:<http://www2.metodista.br/unesco/1_Comsaude%202009/arquivos/trabalhos/

19-Comsa%C3%BAde%202009%20-%20Eu%20e%20Tu%20em%20Itamatatua%20-%20

Rosinete%20de%20Je_.pdf>. Acesso em 12. out. 2009.

FREIRE, I. M. A responsabilidade social da Ciência da Informação e/ou o olhar da consciência possível sobre o campo científico. 2001. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – UFRJ/ECO, 2001.

FORD, C. W. O herói com rosto africano: mitos da África. São Paulo: Selo Negro; Summus, 1999.

GALINDO, M. Tragédia da Memória. Massangana, Recife, v. 2, n. 1, p. 57-62, 2005.

GEERTZ, C. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

GOMES, N. L. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. In: BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03. Brasília: SECAD, MEC, 2005.

GONDAR, J; DODEBEI, V. (Orgs.). O que é memória social? Rio de Janeiro: Contra Capa, 2005.

HALBWACHS, M. A memória coletiva. São Paulo: Centauro, 2006.

HALL, S. A identidade cultural na pós-modernidade. Tradução de Tomaz tadeua da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro:DP&A, 1997.

LE COADIC, Y. -F. A Ciência da Informação. Tradução Maria Yêda F. S. de Filgueiras Gomes. Brasília, DF: Briquet de Lemos/Livros, 1996.

LE GOFF, J. História e Memória. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1990.

LEVI-STRAUSS, C. Mito e significado. Lisboa: Edições 70, 1978.

MOLINA, S. R. A Morte da tradição: a Ordem do Carmo e os escravos de Santa contra o Império do Brasil (1850-1889). 2006. 309. Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, São Paulo, 2006.



MONTEIRO, S. D.; CARELLI, A. E.; PICKLER, M. E. V. A Ciência da Informação, Memória e esquecimento. *DataGramaZero - Revista de Ciência da Informação*, v. 9, n. 6, dez 2008. Disponível em: <http://www.dgz.org.br/dez08/Art_02htm>. Acesso em 15. jan. 2009.

NIETZSCHE, F. W. *Genealogia da moral: uma polêmica*. São Paulo: Companhia da Letras, 1998.

NORA, P. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História*. São Paulo, n. 10, p. 07-28, dez. 1993.

OLIVEIRA, E. B. de; RODRIGUES, G. M. As concepções de memória na Ciência da Informação no Brasil: estudo preliminar sobre a ocorrência do tema na produção científica. In: ENANCIB, 9., 2008, São Paulo. Disponível em: <<http://www.enancib2008.com.br/cd/6%20-%20Trabalhos%20PDF/>>. Acesso em: 15 jan. 2009.

PÊCHEUX, M. Papel da Memória. In: ACHARD, Pierre (et.al.) *Papel da Memória*. Campinas, SP: Pontes, 1999.

POMBO, O; LEVY, T.; GUIMARÃES, H. *A interdisciplinaridade: reflexão e experiência*. 2. ed. rev. aum. Lisboa: Texto, 1994.

_____. Epistemologia da interdisciplinaridade. In: SEMINÁRIO INTERDISCIPLINARIDADE, HUMANISMO, Porto, Faculdade da Universidade do Porto, 2004. Disponível em: <http://www.humanismolatino.online.pt/v1/pdf/C002_11.pdf>. Acesso em 22. ago. 2010

QUIJANO, A. Colonialidade do poder e classificação social. In: SOUSA SANTOS, Boaventura de; MENESES, Maria Paula. (Orgs.) *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez, 2010.

REIS, M. das G. O. Filhos da santa, terras de negro numa arqueologia quilombola: as dinâmicas de um território chamado Itamatatiua. 2010. 200f. Dissertação (Mestrado em Arqueologia Pré-histórica e Arte Rupestre) - Instituto Politécnico de Tomar da Universidade Trás-os-Montes e Alto Douro, Mação, 2010.

ROCHA, E. *O que é mito*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

SANTA Teresa d'Ávila de Jesus. Disponível em: <<http://www.cancaonova.com/portal/canais/santodia/?mes=10&dia=15>>. Acesso em: 22. ago. 2010.

SANTOS, G.; REIS, M.; OOSTERBEEK, L. Quilombos e globalização: um estudo arqueológico sobre identidades e mecanismo de adaptação. Disponível em: <http://projetoportoseguro-maranhao.blogspot.com/2010/02/quilombos-e-globalizacao-um-estudo_28.html>. Acesso em 20 jul. 2010.

THOMPSON, P. A memória e o eu. In: _____. *A voz do passado: história oral*. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002. p. 197-216.

WANDERLEY, A. C. C. *A Construção de Identidade das Irmandades do Rosário do Alto do Sertão Paraibano*. 249 f. 2009. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2009.